

O discurso jornalístico do Mídia Ninja: três coberturas especiais¹

Lucas Feld Guimarães²

Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG.

Resumo. Pretende-se aplicar as teorias de gêneros à especiais, da mídia ativista Mídia N.I.N.J.A, que usam o discurso jornalístico como estratégia. Foram usadas as teorias propostas por Marques de Melo (1985), quanto à classificação, e Lia Seixas (2009), quanto a suas observações sobre a formação do discurso jornalístico. Para além disso, buscou-se fazer um panorama relativizando características do jornalismo enquanto discurso e espaço de mediação da esfera pública, ponderando suas potencialidades exercidas no espectro do ecossistema da internet.

Palavras Chave. Mídia N.I.N.J.A; Discurso Jornalístico; Gêneros Jornalísticos, Mídia Ativista.

Introdução

A Mídia N.I.N.J.A (Narrativas independentes, Jornalismo e Ação) desde o surgimento de sua página na rede social Facebook, em 27/03/2013, adota a estrutura do discurso jornalístico como estratégia narrativa (REZENDE, 2013). Através do uso da narrativa jornalística durante os protestos envolvendo o Movimento Tarifa Zero, em 2013 (SILVA e REIS, 2013), conquista capital social dentre os atores sociais representados na rede (RECUERO, 2013). As mídias digitais do veículo passam a ser espaço de referência enquanto mediador de movimentos sociais e, no aspecto de redes sociais, pode-se visualizar o capital social de acordo com as operacionalizações do conceito definidas por Recuero como a) relacional – relações, trocas e laços de indivíduos conectados; b) normativo – normas e valores de um grupo; c) cognitivo – soma do conhecimento e das informações em comum; d) confiança no ambiente social – confiança no comportamento dos indivíduos em um determinado ambiente; e) institucional – instituições informais e formais, onde se dá as regras da interação social.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Acadêmico de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: guimaraesfeld@gmail.com

O termo independente se conforma com a perspectiva de autonomia perante grupos econômicos, partidos e organizações políticas. Cristofolletti et. al tenciona ao dizer que `este raciocínio contradiz a ideia geral de independência como algo positivo, qualidade que faz o sujeito ou organização serem “melhores” do que aqueles que são “Dependentes”. A Mídia N.I.N.J.A adota uma postura ativista (PRUDÊNCIO, 2009) articula e media ações de movimentos sociais pois a

Mídia radical, na definição do autor, expressa uma visão diferente em relação às políticas, prioridades e expectativas hegemônicas. Coloca-se contra a pauta dos poderes instituídos e seu papel é manter viva a visão de como as coisas poderiam ser. Seu público é ativo, embora se circunscreva às organizações dos movimentos sociais. (DOWNING, *apud* PRUDÊNCIO, 2005, p. 128)

O veículo defende o ponto de vista de que a liberdade de expressão garantida pelo Art. 5 inc. IX garante o direito a produção e disseminação de conteúdos em rede por qualquer cidadão. Com esse pressuposto, há o exercício e reprodução do discurso jornalístico por sujeitos sem a passagem pelo processo de graduação em jornalismo.

No perfil do Facebook, a sigla N.I.N.J.A refere-se à Narrativas Independentes Jornalismo e Ação e assume a postura de uma mídia alternativa e independente, realizada por qualquer cidadão/usuário da rede social, principalmente aqueles imersos nos protestos contra a corrupção e nos atos públicos promovidos por eles e por outras organizações que nasceram nas redes. (REZENDE, 2013)

Em 2009 o STF³ derruba a obrigatoriedade de diploma para o exercício do Jornalismo, prevista pelo Decreto-Lei 979/1969. “os ministros do STF confundem liberdade de expressão com liberdade de informação, e parecem fazer dos jornalistas os únicos difusores de ambas” (TAVEIRA, 2011, p. 51 e 52).

Os N.I.N.J.A agem como articuladores de movimentos sociais, orientando suas mobilizações, gerindo informações brutas, editando-as e as republicano nas redes sociais. Sua organização aponta uma forma de atuação conforme as organizações jornalísticas pós-industriais, no que diz respeito a ausência de controle ou influência por agentes externos, capacidade de tomarem decisões baseados em sua própria lógica, autogoverno, liberdade de administrar seu negócio jornalístico da maneira que convier,

³In. <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717> [Acesso 3 nov. 2017]

e liberdade de estratégia para ampliar seu público (KARPINE e MOE, apud CHRISTOFOLETTI et. al).

A reconfiguração do jornalismo na web se pauta pelo exercício do *gatewatching* (BRUNS, 2005) e a mediação do meio digital.

Enquanto o documento Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo* entende que o desafio é preparar melhor os jornalistas para atuarem como mediadores no cenário globalizado pós-mídias digitais, os ativistas que defendem a mídia livre entendem que todos os cidadãos precisam saber se relacionar midiaticamente. (ESTEVÃO, D ABREU, 2014)

Identifica-se no ecossistema da internet redes sociais, blogosfera, mecanismos de busca e diversas camadas que dão suporte a uma base de dados e uma quantidade de informação jamais disponível para consulta e manipulação, ou seja a produção de conhecimento sobre o conhecimento, pressuposto da sociedade da informação (CASTELS, apud. SANTAELA, LEMOS). Aspectos que reconfiguram a esfera pública, a partir de uma mediação tecnológica.

O volume de conteúdo e o princípio da velocidade, portanto, questões cruciais para discutir os impactos da internet. As novas tecnologias da informação permitem a comunicação em tempo real de maneira individualizada, personalizada e multidirecional, mudando a própria estrutura de produção e de difusão. Isso vem implicado na multiplicação de agentes emissores e na quebra do monopólio da produção da informação. A aquisição, pelo receptor, do poder de emitir e reagir com outros emissores (agora receptores-emissores) enriquece os processos comunicativos, com resultados importantes para outros campos das atividades humanas, como a própria política. A diversidade de políticas que lançam mão da internet como ferramenta de fortalecimento de comunidades e discursos é um exemplo desse potencial aberto pela mudança para um modelo de comunicação multidirecional. (BORGES, 2009, p. 77)

Metodologia

As amostras foram formulada tendo em vista a seleção de conteúdos que se aproximam da formulação do discurso jornalístico (FDJ) proposta por Ringot e Utard (2009, apud SEIXAS, p. 162, 163) manifestos no blog do Mídia N.I.N.J.A⁴ na plataforma *Medium*. As análises tiveram base nas teorias de gêneros jornalísticos formuladas por Marques de Melo (1985) e Seixas (2009).

⁴Blog do Mídia N.I.N.J.A na plataforma *Medium*. Disponível em: <https://medium.com/@MidiaNINJA> [Acesso 9 set. 2017]

A análise do Blog da Mídia Ninja na plataforma *Medium* foi formada a partir de três coberturas apresentadas pelo veículo como os especiais. São eles: Especial *Otros Carnavales* (2015); Especial N.I.N.J.A em Tiradentes (2017); *America Latina es toda feminista* - Especial *La Facción #8M* (2017).

A partir das classificações de gênero propostas por Marque de Melo (1985), buscou-se segmentar a amostra entre os gêneros informativo e opinativa. Sendo modalidades informativas a nota, notícia, reportagem, entrevista. Já as opinativas se segmentam em editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

A segunda fase de análise compreende a aplicação das competências empregadas pela organização jornalística em gêneros e gêneros por identidade discursiva e de acordo com Seixa (2009).

A pesquisa quantitativa identificou 53 publicações no blog da Mídia N.I.N.J.A, na plataforma *Medium*. Destas, 33 pertencem ao Especial *Otros Carnavales* (OC). Oito de *America Latina es toda feminista* - Especial *La Facción #8M* (8M). E 12 são do Especial *20 anos mostra de cinema de Tiradentes* (MCT).

O critério de classificação se deu segundo observações de Lia Seixas. Dentre as quais se coloca “a formação discursiva jornalística (FDJ) é definida exatamente como um lugar de tensão entre ordem e dispersão de informações, de enunciados e de estratégias”. (SEXIAS, 2009, p. 162).

A autora defende que quatro competências empregadas em gêneros, pela organização jornalística, operam na construção da identidade discursiva que adota o discurso jornalístico. São as competências: de reconhecimento, de procedimento, de discurso e de domínio (SEIXAS, 2009, p. 232). Respectivamente, compreendem o valor notícia, os processos de apuração, o tratamento discursivo e o domínio perante outros conhecimentos especializados, fora do âmbito do jornalismo. Ela estabelece que tais competências simbolizam estratégias discursivas presentes nos modos de discurso e enunciação da informação mediada pela organização.

Na finalidade reconhecida de mediação, a competência inclui os saberes de reconhecimento no sentido do que merece ou deve ter visibilidade pela instituição jornalística e o saber discursivo para operar com determinadas situações de enunciação. (SEIXAS, 2009, p. 157)

Seixas aponta que “as teorias funcionalistas sobre os gêneros se fundamentam, na verdade, no que se chama de ‘paradigma da mediação’ – para o qual o trabalho jornalístico seria mediador entre a audiência e a realidade” (SEIXA, 2009, p. 78). Além das competências empregadas seria necessário compreender outro aspecto compositor da identidade do discurso, os três agentes presentes no discurso. O sujeito comunicante, locutor e enunciador.

Enunciador é o autor tal qual ele se manifesta a partir de indícios que ele deixa no texto. Locutor é o ser do discurso relativamente independente de cada texto particular porque pré-existente a esse texto. Sujeito comunicante é o autor real, pessoa real que redige ou ator social responsável pela produção do texto (coletivo). (SEIXAS, 2009, p. 292 e 293).

Seguindo as classificações propostas por Marques de Melo (1985) se atingiu os seguintes quadros.

Especial	Publicações Totais	Informativo	Opinativo
OC	33	10	23
8M	8	1	7
MCT	12	9	3

Classificação em gêneros jornalísticos, segundo Melo.

Especial	Artigo	Editorial	Crônica	Resenha	Entrevista	Notícia	Nota
OC		1	22	-	-	-	10
8M	1	4	2	-	-	-	1
MCT	-		-	3	9	-	-

Classificação em tipos, segundo Melo.

Em OC, 66.6% do conteúdo é opinativo. Em 8M, 87.5% das publicações possui o mesmo caráter de opinião. Em MCT, 75% são informativos (MELO, 1985).

Quando se aplica a competência de reconhecimento em gêneros de Seixas (2009) temos 30 publicações com reconhecimento valor notícia. Sendo um artigo, uma resenha, cinco editoriais, 24 crônicas. 19 de valor notícia pauta. Sendo 11 notas e nove

entrevistas. Duas publicações não possuem classificação proposta quanto a competência de reconhecimento, aqui classificadas como resenha (MELO, 1985). Seixas propõe classificação para a crítica apenas quanto a identidade discursiva.

Seguindo as proposições de Seixas, a competência de procedimento gera 20 publicações com competência de apuração, 11 notas e 9 entrevistas. As outras 33 publicações não possuem proposição de competência atribuída pela autora. Se tratam de resenha, artigo crônica e editorial.

Quanto a competências de discurso temos seguinte panorama, 25 publicações têm caráter de edição, sendo 24 crônicas e 1 artigo. Enquanto 25 possuem o caráter redação e edição, sendo 11 notas, 9 entrevistas e 5 editoriais. As competências de domínio sintetizam 25 publicações com caráter profundo, 24 crônicas e 1 artigo. E 25 de domínio superficial, 11 notas, 9 entrevistas e 5 editoriais.

Potencialidades narrativas da web

Em todas as três coberturas realizadas há a presença da convergência entre meios, entre o weblog e outras mídias. Há uso do YouTube e Facebook como suporte de vídeo, presentes por meio de hiperlink e com a possibilidade de visualização dentro do weblog - recurso usado na entrevista Cinema em Tempo de Brasil⁵. O uso do Facebook e Flickr como repositório de fotografias - presente em No Brasil, fomos às ruas e paramos!⁶ onde a rede social serve de repositório para seis álbuns, com 486 fotografias de protestos do oito de maio de 2017. Além disso, sete dos conteúdos do especial 8M são oriundos de outros meios da América Latina como La FAcción⁷, Emergentes⁸, ELLAS⁹ e Teléfono Roto¹⁰. Se tratando de um material colaborativo entre

⁵Especial N.I.N.J.A em Tiradentes. . Disponível em:

<https://medium.com/20%C2%AA-mostra-de-cinema-de-tiradentes/cinema-em-tempo-de-brasil-dcadcabec111> [Acesso 9 set. 2017]

⁶Especial N.I.N.J.A América latina es toda feminista. Disponível em:

<https://medium.com/am%C3%A9rica-latina-es-toda-feminista-especial-faccion/no-brasil-fomos-%C3%A0s-ruas-e-paramos-9d4d92153054> [Acesso 9 set. 2017]

⁷Blog Facción Latina. Disponível em: <https://medium.com/@faccionlatina> [Acesso 9 set. 2017]

⁸Blog Emergente: <https://medium.com/@EMERGENTE> [Acesso 9 set. 2017]

⁹Blog *Ellas Mujeres*. Disponível em: <https://medium.com/@ellasmujeres> [Acesso 9 set. 2017]

¹⁰Blog *Telefono Roto*. Disponível em: <https://medium.com/@TelefonoRoto> [Acesso 9 set. 2017]

instituições. Em OC há a colaboração de atores sociais especialistas (SEIXAS, 2009), a especialidade é reconhecida pela majoritária narrativa fotográfica, intercalada de discursos narrativos opinativos e informativos, sendo crônicas e notas. Apenas sete publicações de OC são oriundas de indivíduos ligados a Mídia N.I.N.J.A. Neste se observa a falta de classificações que sistematizam a linguagem fotográfica como principal elemento narrativo.

Recuero (2013) aponta que na estrutura mediada pela tecnologia e reprodutora de um espaço público de debates, surgidos nas redes sociais, há três aspectos a serem explorados pelo jornalismo - a) como fontes produtoras de informação; b) como filtros de informações ou, como c) como espaços de reverberação dessas informações. A gestão do conteúdo disponível em rede, no especial 8M, reconhece-se como a execução de um processo de *gatematching* (BRUNS, 2005). O uso de redes sociais como Facebook, YouTube, Flickr e da blogosfera, de forma a retroalimentar os conteúdos e convidar o leitor a uma leitura horizontal, permite a identificação uma mídia continuada.

Desta maneira, nessa lógica de atuação conjunta, integrada, tem se a horizontalidade perpassando os fluxos de produção, edição, distribuição, circulação, e recirculação dos conteúdos. O que se traduz, então, na noção de um continuum multimídia de cariz dinâmico. (BARBOSA, 2013, p. 36, (Org) CANASVILHAS)

Ressalta-se a especificidade de consumo de conteúdo na web, o hipertexto potencializa um consumo não linear de blocos informativos (CANAVILHAS, 2014), onde o ator social perpassa por espaços e constrói sua própria experiência de consumo de informações. “É impossível prever as escolhas que o usuário irá efetuar, cabendo ao artista ou diagramador do projeto a função de traçar caminhos permutacionais, criar portas e pontes de acesso” (LEÃO, 2005, p. 57)

Mas, nos especiais 8M e OC, o cunho opinativo do discurso imbrica em discursivos narrativos que deixam a desejar frente a finalidade do discurso jornalístico “de mediação, a de informação e a de opinião” (SEIXAS, 2009, p.179). Vale ressaltar quanto ao maior número de fontes de informação encontrado dentre as 54 publicações,

foi de duas fontes em O golpe é anti-indígena. O Mato Grosso do Sul é a palestina brasileira¹¹.

Há a prevalência de produtos de sentido que destoam da primeira das quatro características da linguagem noticiosas defendidas por Nunes (2003). A objetividade, clareza, concisão e densidade. Respectivamente, compreende a busca pela isenção de orientar interpretações e emissão de julgamento de valores; evitar construir sentidos ambíguos, imprecisos e redundantes; a capacidade de informar o essencial do fato de forma breve; e o uso de palavras carregadas de sentidos e significações informativas. Tal aspecto semântico da narrativa acaba por distorcer sentidos.

Um labirinto é a arquitetura propriamente dita, pura potencialidade gravada em um disco, nos sistemas ou nas redes. Um segundo labirinto e esse `espaço que se desdobra` e que se forma através do percurso de leitura do viajante. Esse segundo labirinto e uma atualização do primeiro. O terceiro labirinto seria aquele que se delinea claramente. Muitas vezes, a percepção que fica desse labirinto e mais uma silhueta sem forma, imagem que se esvai. (LEÃO, 2005, p. 46, 47)

No especial 8M, das oito peças apenas uma é assinada pela Mídia N.I.N.J.A, tendo o título “No Brasil, fomos às ruas e paramos”. E no especial MCT, onde prevalece o formato entrevista há a presença de frases como:

Os retrocessos dos direitos trabalhistas, a CLT e a nova reforma da previdência propostos pelo atual governo dão um tom a mais para o drama vivido pelos personagens do longa e expõem a crueldade das decisões do congresso. (A justiça que não se vê no dia-a-dia refletida nas telas de cinema, 30/01/2017)¹²

Marque de Melo (1985) aponta que os títulos e manchetes se apresentam segundo dois tipos: a - os que emitem claramente o ponto de vista; b - os que dissimulam o conteúdo ideológico. Desta forma, as notícias e títulos dão sentido ao fato,

¹¹In.

<https://medium.com/20%C2%AA-mostra-de-cinema-de-tiradentes/o-golpe-%C3%A9-anti-ind%C3%ADgena-o-mato-grosso-do-sul-%C3%A9-a-palestina-brasileira-b9456c3c4a2> [Acesso 12 set. 2017]

¹²In.

<https://medium.com/20%C2%AA-mostra-de-cinema-de-tiradentes/a-justi%C3%A7a-que-n%C3%A3o-se-v%C3%AA-no-dia-a-dia-refletida-nas-telas-de-cinema-60e4ff1960d> [Acesso 12 set. 2017]

pois mesmo que haja a prevalência de objetividade ao relatar um fato “a percepção dos fatos depende do prisma da observação”. (MELO, 1985, p. 69). Dois dos três especiais fazem parte da agenda midiática hegemônica, o carnaval e o dia internacional das mulheres, a abordagem dos especiais OC e e 8M buscam um enquadramento que, respectivamente, aborda carnavais não cobertos pela mídia e a mobilização política feminista.

Na postagem reconhecida como editorial (MELO, 1985) “No Brasil, fomos às ruas e paramos”, a estrutura hipertextual leva sete hiperlinks. Um deles, indexado à palavra sublinhada da frase “O chamado à greve geral que ecoou das *hermanas* do *Paro Internacional de Mujeres* e do *International Women’s Strike* animou as brasileiras a parar e se juntarem”, leva à uma página não disponível da rede Facebook. Cria-se uma lacuna.

Os outros seis hiperlinks levam à álbuns fotográficos do Flickr, onde são cobertas as mobilizações nas cidades de Brasília, Manaus, Porto Alegre (com dois álbuns separados), Rio de Janeiro e Teresina. Mesmo com o recurso hipertextual levando aos álbuns, o artigo possui 42 fotografias destituídas de legenda informativa; feitas por 27 pessoas, as fotografias eram provenientes Mídia N.I.N.A, Da direção sindical estadual do Movimento Sem Terra, de Goiás e da Comunicação Colaborativa Parada Brasileira de Mulheres. Os dois álbuns retratando mulheres nas ruas de Porto Alegre, o de Brasília e o de Manaus exploram espaço para legenda, com aparato narrativo e produtor de sentido. Ambas as legendas das manifestações na capital gaúcha possuem caráter informativo, sendo a com maior densidade informativa a do álbum “Porto Alegre 2”¹³:

A Marcha das Mulheres do Campo e da Cidade compôs a programação da Greve Internacional de Mulheres realizada em Porto Alegre (RS). Cerca de 2 mil mulheres marcharam da Ponte do Guaíba ao centro da capital gaúcha. 08/03/2017 - Porto Alegre (RS). Foto Sofia Cortese / Mídia NINJA.

Já no álbum Brasília¹⁴ o caráter opinativo se mescla ao informativo:

¹³In. <https://www.flickr.com/photos/midianinja/sets/72157677840282843/with/33353579515/> [Acesso 15 set. 2017]

¹⁴In. <https://www.flickr.com/photos/midianinja/sets/72157681135884216/with/32535967414/> [Acesso 9 set. 2017]

Brasília se juntou a outras cidades ao redor do mundo e promoveu um grande ato neste 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Batizado de #8M - 8 de Março Unificadas, a iniciativa reuniu mulheres dos mais diferentes lugares para reivindicarem direitos e igualdade, além do fim de todo tipo de violência de gênero. Na pauta, também estava a manutenção da luta contra o golpe que, realizando mudanças na previdência e reformas trabalhista vai prejudicar milhões de mulheres. Em consonância com outras cidades, Brasília reuniu uma multidão na Esplanada dos Ministérios, trajeto escolhido para este dia de luta. Cerca de 10 mil pessoas se concentraram no Museu da República para depois seguirem em marcha até a Praça dos Três Poderes, local onde uma batucada encerrou o ato antes da dispersão. Foto: Mídia Ninja

Enquanto no álbum Manaus¹⁵ a opinião prevalece como recurso narrativo:

Nenhuma a menos! As guerreiras de Manaus também se juntaram aos mais de 30 países na parada internacional de mulheres nesse 8 de Março. Pela tarde elas se organizaram em uma linda marcha e pararam o centro da cidade. A programação nesse dia contou com intervenções femininas durante o percurso com rap, baque, maracatu e roda de ativismo. Mais do que relebrar aquelas que no passado lutaram pelos direitos das mulheres, hoje é um dia especial de luta contra a misoginia e machismo impostos pela sociedade e pelo atual governo golpista. Fotos Mídia NINJA (CC-BY-SA 4.0)

Os três especiais estão em postagens na blogosfera e reunidos em um mesmo portal, a linguagem empregada mescla discursos jornalísticos dos gêneros opinativo e informativo que “materializa-se através da filtragem que sofrem no processo de difusão, seja através da omissão, seja através da projeção ou redução que experimentam a emissão” (MELO, 1985, p. 58). A `modelização` do discurso se orienta pela característica da rede de blogs, onde a falta de uma instituição jornalística presente no enunciado dá ao produtor do conteúdo liberdade argumentativa.

Assim podemos também entender que os blogs modelizam o texto escrito jornalístico e o jornalismo segmentado nos blogs. Em pesquisa realizada em 2004 sobre as estratégias de comunicação adotadas por blogs pessoais, críticos e jornalísticos¹⁶, avaliamos que um blog definido como `jornalístico` não necessariamente seguirá as regras estabelecidas do discurso jornalístico. Pelo contrário, o blog modeliza a linguagem jornalística coma cada vez mais textos em primeira pessoa e, muitas vezes, até mesmo com ausência do título, componente formal do texto jornalístico. (RAMOS, 2016,p. 130)

Conclusão

Em meio a grande quantidade de informações dispersas na rede, Prudêncio explica que cabe ao jornalismo, enquanto sistema perito, a capacidade de orientar o público não especialista pela edição, seleção, tratamento e mediação de informação,

¹⁵In. <https://www.flickr.com/photos/midianinja/sets/72157679295200451/with/32952677080/> [Acesso 9 set. 2017]

¹⁶RAMOS, Daniela Osvald. **A mídia de um homem só: as estratégias de comunicação dos weblogs pessoais, críticos e jornalísticos.** São Paulo, 2004.

pois diante o aumento de oferta de informação o acaso das decisões se atrela as oportunidades de interpretação que se abrem aos atores sociais. Nos sistemas de conhecimento “o lugar dos meios de comunicação logo é frisado como canais pelos quais se difunde globalmente as informações, que são refletidas nos contextos locais, e vice-versa”, (PRUDÊNCIO, 2009, p. 30). Por tanto, os meios de comunicação não se limitam à difusão de informação, mas à mediação de demandas coletivas e individuais.

Diante do processo de semiose da notícia, ou seja, partindo de um objeto de realidade, ou acontecimento, interpretado pelo jornalismo que, por sua vez, produz a notícia enquanto signo; Oliveira defende que “caberia ao jornalismo, sim, mediar o conflito entre os signos que circulam; não impor a sua representação ao constituir-se em mais um agente que disputa” (OLIVEIRA, 2016, p 156). Nesse sentido, o autor defende a objetividade como o método de semiose da notícia, pelo qual o signo se aproxima do objeto dinâmico, constituído na disputa de poderes e versões do real onde “as notícias ajuda a construir a própria realidade”(TRAQUINA, 2005, p. 168)

Acreditamos que a instituição jornalística hoje teria três principais finalidades reconhecidas: a de mediação, a de informação e a de opinião. Entretanto, estas são finalidades institucionais, pelas quais estão implicadas as composições discursivas e os atos de enunciação da FDJ, mas não coincidem, sempre e obrigatoriamente, com as finalidades das composições. (SEIXAS, 2009, p. 179 e 180)

Recuero (2009) aponta que redes sociais são espaços de representação de atores sociais e suas conexões, assim sendo, a troca de informações que simulam e representam a esfera pública ocorrem por dois tipos de capital social, o cognitivo e o relacional. Enquanto o cognitivo se orienta pelo apelo ao conhecimento e se materializa pela difusão de informação em rede, onde atores sociais espalham um mesmo conteúdo, como por exemplo uma notícia, que pode perpassar os mais diversos locais da hipermídia, o relacional proporciona a interação de atores sociais, acontece a apropriação de um mesmo conteúdo inicial, como uma *hashtag* - uma matriz informacional replicada e difundida, partindo dos laços pessoais mais fortes para os mais fracos, tal conteúdo se diversifica a cada ator, ou perfil, que se apropria da matriz, dando a ela sua cara. Recuero estabelece que capital social cognitivo gera menor interação de atores, mas atinge maior abrangência, já o capital social relacional implica

na busca de capital social por cada ator, implicando em uma maior interação entre atores próximos.

“Ferramentas de mídia social não são mais uma alternativa para a vida real, são parte dela. E, sobretudo, tornam-se cada vez mais os instrumentos coordenadores de eventos no mundo físico” (SHIRKY, 2011, p. 37). O compartilhamento de posições ideológicas, políticas e de identidade implica, por vezes, na articulação em nós da rede, em grupos, onde parcelas da sociedade partilham de temas de contestação da lógica da ordem. Entre o estabelecido, a contestação, a discussão e a proposição de mudança, ocorre um espaço de disputa, no qual, atores sociais se articulam em ação coletiva com estratégias e táticas para atingir seus objetivos perante a hegemonia. “Uma das formas pelas quais esses atores redefinem o significado da informação é a ação direta, que carregam de simbolismo e utilizam para deslegitimar o sentido atribuído pelos sistemas autorizados” (PRUDÊNCIO, 2009, p. 45).

Tal ação coletiva se opera pelo engajamento de atores sociais representados e em conexão interpelada pela sociedade da informação, num conjunto mediado pela tecnologia informacional (PRUDÊNCIO, 2009). Esta sociedade da informação, se consolida pelo aparato tecnológica computacional de corporações que reconfiguram o neoliberalismo pós-industrial, pois são componentes da rede que permitem o estabelecimento de relações sociais onde há trocas informacionais, culturais, indenitárias, materiais e mercadológicas.

As métricas de audiência e o poder que exercem sob meios se substitui pelo engajamento de atores sociais em conexão (JENKINS, GREEN, FORD, 2014), na qual implica em atores que estão imersos em um mundo onde mais poder da mídia fica nas mãos dos cidadãos, enquanto participantes. Para os autores, os ganhos com o acesso às mídias digitais podem ser vistas como resistência a indústria de mídia hegemônica e tal dualidade pode ser encarada a partir do prisma de que “somos resistentes *a* algo: ou seja, somos organizados em oposição *a* um poder dominante. Participamos *em* algo, ou seja, a participação é organizada *em* e *através das* coletividades e conectividades sociais” (JENKINS, GREEN, FORD, 2014, p. 206).

Jenkins et. all adotam a perspectiva de Daniel Dayan sobre audiência e sua relação com o público, enquanto a audiência provém da mediação e vigilância, de receptor uma mensagem transmitida, o público requer atenção na mesma medida que oferta, pois se trata de uma entidade coletiva unida por uma identidade compartilhada. Pode se dizer, que a emissão de conteúdos pelos N.I.N.J.A destaca vozes de atores e/ou movimentos sociais em meio à multidão, pautando audiência/engajamento de comunidades constituídas por diversos públicos.

Ser cidadão não dá direito a palavra, salvo em reality shows e outras misérias. Falar é muito perigoso. O grau zero da interatividade permite a cada um, entretanto, dizer sim ou não, ou decidir sobre o supérfluo. Sempre se pode enviar uma carta aos jornais, a qual será lida, enxugada, esquecida ou até mesmo publicada. O grande dilema dos empresários da comunicação é justamente o controle da internet. Nada pior para quem vive da emissão do que um meio aberto, a princípio, a todos. Quando todos podem ser emissores-receptores, a distinção da emissão perde o seu charme. Felizmente para todos os donos do poder, quando todo falam ao mesmo tempo, ninguém é ouvido. Internet é uma rua onde todos estão ao alcance, se ter necessariamente algo para dizer, ou onde ninguém se destaca na multidão. (SILVA, 2001, p 33 e 34)

Nilson Lage (1987) aponta como objetivos para a o papel político e social da notícia o direito à informação e a liberdade de informar. O primeiro se constitui do pleno exercício da cidadania, a partir do acesso, compreensão e participação do processo de troca de informações na esfera pública. Já a liberdade de informar se respalda pela não censura. Mesmo antes do estabelecimento da internet Lage já observa a grande gama de informações disponíveis, tornaram-se tão abundantes que cabe às instituições jornalísticas selecionar. Parte da produção da notícia compreende a organização da informação (ALSINA, 2005), mas os meios jornalísticos selecionam determinadas informações em detrimento de outras (SOUSA, 2002). Segundo Souza, a midiatização feita pelos meios propõe interpretações para as realidades que não conhecemos. “O direito individual de escolha entre os veículos esgota-se nas possibilidades que são oferecidas, e a padronização faz com que todos eles se pareçam” (LAGE, 1987). A Mídia N.I.N.J.A ocupa papel central no espectro político brasileiros, enquadra-se a uma mídia oriunda de movimentos sociais organizados. O Capital Social adquirido pelo grupo reafirma aspectos da conectividade em rede.

A Internet, por proporcionar uma maior participação e um maior controle das informações que circulam na rede social, principalmente através da capacidade de rastreamento, permite que o capital social seja mais facilmente mobilizado pelos atores. (RECUERO, 2013, p. 6)

Movimentos sociais organizado em ações coletivas, através das tecnologias de informação, se tornaram menos dependentes da mídia de massa para difundir suas mensagens a uma larga audiência (DONK, LOADER, NIXON, RUCHT, 2004). Antes da internet, os veículos dependiam de um série de meios de produção como gráficas, redes logísticas, sistemas de transmissão de ondas de televisão e de rádio, etc. Já na internet cada cidadão pode exercer o direito a expressão e, até mesmo, a apropriação de estruturas narrativas jornalísticas. Há de se ponderar a mediação executada pelo Mídia N.I.N.J.A, enquanto centralizador de disputas sociais presentes na sociedade contemporânea e estratificada em grupos de afinidades e interesses, entende se o meio com uma mídia ativista que “tendo entendido que o “preço” da entrada na esfera pública é valer-se do frame noticioso, a mídia ativista contém muito das convenções do jornalismo padrão” (PRUDÊNCIO, 2009, p. 126), está mídia insere-se no espectro da hipermídia e disputa sentidos na semiosfera, e proporciona um combate ao lugar de marginalização midiática dos movimentos sociais.

Bibliografia:

- SANTAELA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais**. São Paulo: Paulos, 2010.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: insular, 2005.
- DONK, Wim van de; LOADER, Brian; Nixon, Paul; RUCHT, Dieter. **Cyberprotest**: new media, citizens and social movements. Londres: Routledge, 2004.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da Participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 1987.
- RECUERO, Raquel. **Rede Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RAMOS, Daniela Osvald. **A expansão do jornalismo para o ambiente numérico**. Curitiba: Appris, 2016.
- TAVEIRA, Leise. **Horizontes do Jornalismo**. A decisão do STF que derrubou a exigência do diploma de jornalista para o exercício da profissão e o seu reducionismo a teoria do espelho. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.
- LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**. Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iuminuras, 2005.
- NOVAES, Washington. **A quem pertence a informação?** Petrópolis: Vozes, 1996.

- SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BORGES, Juliano. **Webjornalismo: política e jornalismo em tempo real**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- NUNES, Carlos Alberto. **Notícia e Linguagem**. Canoas: ULBRA, 2003.
- CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: sete características que marcam a diferença**. ISBN: 978-989-654-144-6. Disponível em:
http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf. Acesso em: 3 dez. 2017.
- OLIVEIRA, Felipe Moura. **A semiose da notícia em ambiente de crise movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea**. Disponível em:
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5372>. Acesso em 16 abr. 2018.
- REZENDE, Renata. **A Mídia Ninja e o espaço da catarse coletiva: política e afeto no tempo das redes**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1831-1.pdf>
Acesso em: 23 set. 2017.
- ASIS, Francisco. **Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos**. Disponível em:
http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf. Acesso em: 6 nov. 2017.
- TARGINA, Maria das Graças. **Jornalismo Cidadão: informa ou deforma?** Disponível em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001823/182399por.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2017.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/278/271>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- NASCIMENTO, Luiza Teixeira do; COUTINHO, Rhanica Evelise Toledo; GONÇALVES, Douglas Baltazar. **A Reinvenção dos Gêneros Jornalísticos no Ciberespaço: Estudo de Caso do Site Catraca Livre**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2455-1.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- KURTZ, João Vicente; KLEIN, Otavio José. **Gêneros Jornalísticos na Internet – Uma Proposta para Blogs**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1307-1.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: LabCom, 2009. Disponível em:
<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/seixas-classificacao-2009.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>
Acesso em: 9 nov. 2017.
- BARBOSA, Susana. (Org) CANAVILHAS, João. **Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**. in *Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais*. Disponível em
http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20130404-201301_joacanavilha_noticiasmobilidade.pdf. Acesso em: 9 nov. 2017.
- BRUNS, Axel. **Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo**. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342>. Acesso em: 18 out. 2017.
- ASSIS, Evandro de Assis; CAMASÃO, Leonel; SILVA, Mariana da Rosa; CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea**. Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899>. Acesso em: 9 abr. 2018.
- PRUDENCIO, Kelly. **MÍDIA ATIVISTA: A COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS POR JUSTIÇA GLOBAL NA INTERNET**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89289>. Acesso em: 13 mar. 2018.